

ARTE E SEMIÁRIDO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PIBID DE ARTES VISUAIS – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Naara Santana Coelho ¹
Luan Vitor Ferreira Santos ²
Isabela Barbosa Rodrigues ³
Rosane Karla Aguiar de Castro ⁴

RESUMO

Este artigo apresenta as vivências e reflexões decorrentes das participações dos discentes no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), realizado na Escola Municipal Helena Celestino Magalhães, em Juazeiro-BA, durante o segundo semestre de 2024 e o primeiro semestre de 2025. O subprojeto desenvolvido, intitulado “Identidade e Cultura Sertaneja”, está inserido no tema geral do Semiárido Nordestino, tendo como objetivo valorizar as expressões culturais e artísticas da região por meio da interdisciplinaridade, com a arte como eixo central. A experiência possibilitou a aproximação da teoria acadêmica com a prática docente em contexto real, contribuindo para a formação integral dos licenciandos em Artes Visuais da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Foram realizadas atividades teóricas e práticas, como oficinas de cartografia e cologravura, que integraram conteúdos geográficos, culturais e artísticos, desenvolvidas com recursos acessíveis e recicláveis, em função das limitações materiais da escola. Durante o processo, foram observadas e discutidas as dificuldades enfrentadas, como a escassez de materiais, a falta de apoio logístico e as características socioeconômicas da comunidade escolar, fatores que exigiram criatividade e adaptação das estratégias pedagógicas. Ao mesmo tempo, constatou-se o significativo envolvimento e interesse dos estudantes, especialmente quando as atividades promoviam o reconhecimento da identidade cultural local e o contato direto com processos artísticos. Essas experiências proporcionadas pelo PIBID são fundamentais para a formação docente, pois permitem a reflexão crítica sobre a prática, a valorização dos saberes locais e a construção de um ensino de artes mais contextualizado e significativo. Recomenda-se o fortalecimento desses programas e maior diálogo com as escolas para garantir condições adequadas ao desenvolvimento das ações pedagógicas.

Palavras-chave: PIBID; Semiárido; Cultura Sertaneja; Artes Visuais; Educação Pública.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, naara.coelho@discente.univasf.edu.br;

² Graduando Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, luan.v@discente.univasf.edu.br;

³ Professora Adjunta da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Doutora em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal, isabela.barbosa@univasf.edu.br;

⁴ Professora efetiva do município de Juazeiro – BA, bibiakadecastro@gmail.com;





Este resumo apresenta as nas vivências no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) realizada na Escola Municipal Helena Celestino Magalhães, situada no município de Juazeiro, na Bahia, durante o segundo semestre de 2024 e o primeiro semestre de 2025. O que nos levou a participar do programa foi o desejo de experimentar a docência na prática, a fim de colocar em ação os aprendizados adquiridos ao longo do curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), entendendo essa vivência como fundamental para a nossa formação docente. O tema geral PIBID 2024-2026 é o Semiárido Nordestino, subprojeto: Identidade e Cultura Sertaneja e buscamos mostrar aos alunos a riqueza cultural da nossa região, valorizando sua extensão, diversidade e expressões artísticas por meio da interdisciplinaridade, sempre com a arte como eixo condutor.

A primeira etapa da nossa participação no ocorreu com a aula magna presencial, realizada no Colégio Estadual Rui Barbosa, com a presença de todos participantes dessa edição vinculados à UNIVASF. Esse momento teve como objetivo socializar os integrantes, apresentar o Projeto Institucional: “O PIBID e a Integração de Saberes e Experiências para a Contextualização do Ensino na Educação Básica” e discutir a proposta geral do programa. Ao final de novembro de 2024, realizamos a visita à escola-campo, o Colégio Municipal Helena Celestino Magalhães, situada em uma zona residencial de Juazeiro – BA, com fácil acesso, com funcionamento nos turnos matutino e vespertino para o Ensino Fundamental I e II e também a Educação para Jovens e Adultos (EJA). A estrutura física conta com algumas salas, cuja ventilação não é adequada para o clima local e não há um espaço destinado ao estudo, como uma biblioteca, também compreendemos a organização interna da instituição. Foi realizada uma conversa inicial com a orientadora Isabela Barbosa Rodrigues para discutir o tema do subprojeto e as possibilidades de trabalho a serem desenvolvidas ao longo do ano. Após a reunião inicial com a supervisão, realizamos o reconhecimento do espaço escolar, registrando por meio de fotografias as diferentes dependências da instituição. Durante essa visita, conhecemos as salas de aula, corredores e demais ambientes, observando suas condições estruturais. Essa etapa foi essencial para compreender a organização física da escola e identificar os espaços que poderiam ser utilizados no desenvolvimento das atividades do projeto. Paralelamente, aconteceram reuniões remotas para acompanhamento das pesquisas, compartilhamento de artigos e referências no acervo digital do núcleo, e discussões voltadas ao planejamento das futuras intervenções. Nesses encontros, construímos coletivamente um drive





de materiais e fizemos a análise dos planejamentos de aula da escola-campo, recebendo orientações para elaboração do nosso próprio plano de aula.

No mês de janeiro de 2025, participamos de formações essenciais para o embasamento teórico do projeto. Tivemos palestras como a do Prof. Dr. Albano de Goes Souza sobre “Formação de professores, iniciação à docência e a educação básica: concepções e bases legais”, abordando fundamentos que serão úteis tanto para a atuação no PIBID quanto para a prática docente futura. Também participamos da palestra do Prof. Dr. Pedro Paulo Souza Rios, com a temática “Ambientes de ensino, aprendizagem contextualizada e o diálogo”, que nos trouxe reflexões importantes sobre o papel do contexto e da interação na construção do conhecimento. Essas palestras forneceram um direcionamento importante para o desenvolvimento do nosso trabalho, ampliando a compreensão sobre a docência a partir de uma perspectiva teórica. Os temas abordados aproximam-se da nossa realidade, ao tratar de aspectos centrais do funcionamento da educação, especialmente no contexto social e cultural da região em que vivemos. Em fevereiro de 2025, iniciamos o período de observações das aulas de arte junto à supervisora, professora Rosane Karla Aguiar de Castro. Nessa fase, acompanhamos a execução de seu planejamento e observamos a dinâmica das turmas do 8º e 9º ano. No primeiro dia em sala, a professora nos apresentou aos estudantes, criando um momento de interação inicial para conhecer as linguagens artísticas com as quais eles mais se identificavam. Mantivemos o período de observação por algumas semanas, o que nos permitiu compreender de forma mais aprofundada a dinâmica das turmas, o desenvolvimento das aulas e a metodologia adotada pela professora. Essa etapa foi fundamental para conhecer as estratégias utilizadas em sala e identificar aspectos que poderiam dialogar com as propostas do nosso subprojeto. Em março de 2025, demos início oficialmente ao trabalho do subprojeto na escola, apresentando às turmas o tema do Semiárido Nordestino, suas características geográficas e climáticas, e as regiões brasileiras que o compõem. A atividade incluiu a exibição de imagens sobre manifestações culturais e artísticas de cada estado, a fim de ampliar o repertório visual dos estudantes. Também exibimos o documentário “Assentamento Terra da Liberdade, falta água nesse chão?” que mostra a dura realidade das famílias que vivem no assentamento Terra da Liberdade, onde a escassez de água afeta o dia a dia, a produção agrícola e a qualidade de vida. Por meio de depoimentos, o filme evidencia as



condição essencial para a permanência no campo. Sendo uma contextualização para favorecer a compreensão do conteúdo que seria trabalhado mais a diante.

METODOLOGIA

Nosso trabalho foi construído coletivamente, por meio de pesquisas em grupo com os demais colegas do núcleo, com o objetivo de aprimorar ideias e alinhá-las à proposta do projeto. Com as formações do início de 2025, nós passamos a compreender melhor o conceito de semiárido e a pensar em estratégias viáveis para levá-las à sala de aula, respeitando a realidade da escola.

A primeira oficina realizada foi sobre cartografia. Iniciamos com uma aula teórica sobre o semiárido para contextualizar os alunos e aprofundar seus conhecimentos. Nas semanas seguintes, desenvolvemos a parte prática da oficina utilizando materiais que nós mesmos levamos, visto que a escola possui recursos limitados. Os alunos confeccionaram mapas cartográficos da região onde o semiárido está presente, relacionando-os às manifestações culturais de cada estado (Figuras 1 e 2). Eles foram orientados por nós a confeccionar os mapas em cartolina, delimitando com precisão os contornos de cada estado. Em seguida, deveriam colar as bandeiras correspondentes às regiões e associar a cada uma delas uma manifestação artística representativa, de forma a estabelecer uma relação visual e cultural entre o território e suas expressões. Essa oficina foi pensada em uma das reuniões de planejamento do grupo e dialogava com os conteúdos da supervisora sobre danças, seguindo a BNCC. Os alunos localizaram no mapa onde o semiárido está presente e associaram a essas regiões manifestações culturais representativas, como o maracatu, o forró e o reisado.

Figura 1. Oficina de Cartografia



Processo de criação dos alunos da turma 9º ano,
utilizando técnicas de decalque – março de 2025

Figura 2. Oficina de Cartografia



Processo de criação dos alunos da turma 9º ano,

Posteriormente, trabalhamos a técnica de cologravura. Assim como na atividade anterior, iniciamos com uma aula teórica, explicando a história da gravura, sua origem, os principais

tipos e artistas brasileiros que utilizam essa linguagem visual. Propusemos que os alunos desenhassem elementos relacionados ao semiárido — como plantas, vivências, instrumentos, paisagens, objetos, animais etc. — para, na aula prática, aplicarmos a técnica da cologravura. A escolha se deu pelo fácil acesso aos materiais, todos recicláveis e possíveis de serem reunidos coletivamente. Na etapa prática, os alunos produziram suas matrizes em alto-relevo no papelão e, em seguida, realizamos a impressão com tinta guache, na maioria das turmas. (Figura 3 e 4). Na primeira turma, em que foi realizada a oficina, foi usado tinta a óleo, no entanto, essa experiência não foi muito proveitosa, pois após a impressão, não tinha um lugar para pôr o material para a secagem. Foi pensado então, a tinta guache, para as próximas oficinas, pelo fato de secar mais rápido.

Essa oficina foi inicialmente construída pela dupla Emanuel Mulato da Silva e Maria Cláudia Ribeiro Ferreira, com o objetivo de relacionar a gravura com a cultura nordestina. Um dos pibidianos, inclusive, já havia estudado cologravura na disciplina Gravura III, no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UNIVASF. A técnica mostrou-se bastante viável para o contexto da escola, além de despertar o interesse dos alunos pela experimentação artística.

Figura 3. Oficina de Cologravura

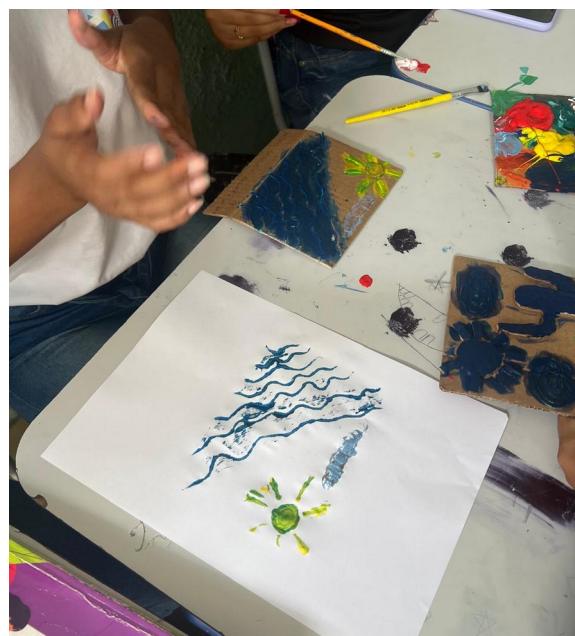




Processo criativo dos alunos da turma 8º ano, utilizando o papelão para montagem das matrizes - maio de 2025.

X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Figura 3. Oficina de Cologravura.



Processo criativo como parte de impressão da cologravura,
alunos da turma 9º ano- maio de 2025.

REFERENCIAL TEÓRICO

A arte, enquanto linguagem e forma de conhecimento, constitui-se como um campo essencial na formação humana e no processo educativo. Em contextos como o semiárido nordestino, a arte-educação assume um papel ainda mais significativo, pois se torna meio de expressão, valorização cultural e resistência simbólica frente às adversidades do território. As práticas vivenciadas no PIBID de Artes Visuais emergem desse encontro entre arte, educação e lugar, revelando como o ensino de arte pode dialogar com o cotidiano, a memória e a identidade local.

De acordo com Ana Mae Barbosa (1991), a Abordagem Triangular — que propõe o ensino da arte a partir da apreciação, contextualização e produção — oferece uma estrutura metodológica capaz de promover aprendizagens significativas e críticas. Ao aplicar essa



perspectiva no contexto do semiárido, é possível compreender as produções artísticas não apenas como atividades estéticas, mas como instrumentos de leitura do mundo e de construção de sentido. Assim, as oficinas e intervenções realizadas no PIBID não se limitam à técnica, mas

abrem espaço para a escuta das histórias, para o reconhecimento dos saberes populares e para a valorização do ambiente em que os alunos estão inseridos.

A Pesquisa Educacional Baseada em Arte (A/R/Tografia), conforme discutem Belidson Dias e Rita Irwin (2013), amplia essa visão ao compreender o ato de ensinar e pesquisar como processos criativos e performativos. Nessa perspectiva, o educador é visto simultaneamente como artista, pesquisador e professor (A/R/T), e suas ações são permeadas pela sensibilidade, pela experimentação e pela reflexão constante. Essa abordagem aproxima-se fortemente da proposta do PIBID, onde as experiências artísticas se constroem de forma colaborativa e processual, em diálogo com o ambiente escolar e as realidades socioculturais dos alunos.

O semiárido, longe de ser apenas um espaço de escassez, revela-se um território fértil de narrativas, cores e texturas que inspiram a criação artística e a pesquisa estética. Como destacam autores que refletem sobre a arte e o território, compreender a produção artística nesse contexto significa reconhecer a potência da cultura sertaneja, marcada pela força do povo, pela religiosidade, pelos modos de vida e pelas estratégias de convivência com o clima. A arte, nesse sentido, torna-se um meio de tradução sensível das experiências vividas, conectando saberes locais e práticas contemporâneas de ensino.

Portanto, o referencial teórico que sustenta as vivências do PIBID em Artes Visuais fundamenta-se na arte como instrumento de educação crítica e transformadora, que valoriza a identidade, o pertencimento e o diálogo entre o global e o local, ressignificando o semiárido não como lugar de carência, mas como espaço de criação, memória e potência poética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante esse período, examinamos como funciona o processo de planejamento docente, a importância da organização do tempo e de estratégias que promovam a participação ativa dos alunos. Enfrentamos o desafio da escassez de materiais e da realidade socioeconômica de grande parte dos estudantes, o que nos fez buscar oficinas que utilizassem

recursos recicláveis e acessíveis. Aprendemos a adaptar-se a essas condições e a lidar com imprevistos. Como

também, a nos posicionar em sala de aula e construir uma relação respeitosa com os estudantes, baseado na observação de nossa supervisora.

As oficinas aconteceram conforme o planejado, com equilíbrio entre momentos teóricos e práticos, respeitando o tempo necessário para a construção coletiva do conhecimento. Os principais desafios enfrentados foram: estar à frente da turma pela primeira vez, a limitação de recursos, a falta de apoio efetivo da gestão escolar e a locomoção até a escola, já que moramos em outro município. Ainda assim, conseguimos realizar as atividades de forma satisfatória, com envolvimento e participação significativa dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vivenciadas no PIBID de Artes Visuais evidenciam a importância da arte como prática formativa e transformadora no contexto educacional do semiárido. Ao aproximar a universidade da escola pública, o programa fortalece o vínculo entre teoria e prática, permitindo que futuros professores compreendam as múltiplas dimensões do ensino da arte — como expressão cultural, social e humana. Nesse processo, os licenciandos não apenas ensinam, mas também aprendem com a comunidade escolar, trocando saberes e desenvolvendo uma visão mais sensível, crítica e comprometida com a realidade em que atuam.

Contudo, as ações realizadas também revelam a necessidade urgente de melhorias estruturais nas escolas, sobretudo no acesso a livros, revistas, materiais artísticos e espaços adequados para o desenvolvimento das atividades pedagógicas. Investir nessas condições é fundamental para garantir que os estudantes possam vivenciar plenamente o aprendizado artístico, estimulando o interesse pela leitura, a imaginação e o pensamento criador.

O PIBID, portanto, reafirma-se como um programa essencial na formação inicial de professores, ao proporcionar experiências concretas que articulam o ensino, a pesquisa e a extensão. Através dele, os licenciandos têm a oportunidade de compreender o papel social da



arte, aprimorar suas práticas e contribuir para uma educação pública mais inclusiva e significativa.

AGRADECIMENTOS

Por fim, deixamos um agradecimento especial ao PIBID, à orientadora, à supervisora e a todos os colegas de grupo, pelo compromisso, partilha e aprendizado coletivo ao longo dessa jornada. Cada vivência, diálogo e atividade desenvolvida foi essencial para consolidar não apenas o conhecimento acadêmico, mas também o sentimento de pertencimento, afeto e propósito que movem a docência em Arte.

REFERÊNCIAS

Assentamento terra da liberdade: falta água nesse chão?. Direção geral, roteiro e câmera: Bruno de Mello. Direção de produção: Isabela Barbosa. Fotografia: Havene Melo. Realização: CARTES (colegiado de artes visuais), UNIVASF (Universidade Federal do Vale do São Francisco. Apoio: Havane Melo studio. Juazeiro, 2023. 1 vídeo (16 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=hos6vMYz4cI>. Acesso em: 21 jan 2025

BELIDSON DIAS. In: Belidson Dias e Rita L. Irwin. **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia.** Santa Maria: Ufsm, 2013. p. 13-16

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação: consonâncias internacionais.** São Paulo: Cortez, 2005